

OS ARARA



rt.piza

Produção/Direção: Andrea Tonacci

Realização: Interpovos/TV Bandeirantes

No ar dia:

1º BLOCO

Início aos 02'10"

Em volta de um pequeno avião pousado às margens do Igara

pe Cachoeira Seca, um afluente das cabeceiras do Rio Iriri no Es
tado do Pará, uma equipe de homens que compõem a Frente de Atra
ção Arara, que procura entrar em contato com os índios Arara, con
versam entre si enquanto descarregam mantimentos sob os olhares
curiosos de elementos locais.

Sobre um mapa do Estado do Pará, em detalhe, são folhea-
das algumas páginas de jornais com fotos e manchetes referentes
a fatos e empreendimentos na área habitada pelos Arara.

O título do programa aparece em fusão sobre o mapa da
região sobrepondo-se em seguida às vistas aéreas da mata e do
Rio Iriri sinuoso e entrecortado.

No interior do avião, em voo, o Coordenador dos trabalhos
de atração, o sertanista Sydney Ferreira Possuelo e o Delegado da
FUNAI da área, mais dois auxiliares, observam atentamente a região
na tentativa de localizar, do ar, as aldeias.

Planos de uma embarcação navegando no Rio Xingú em seu
quase infinito espaço de céu e água, tendo a bordo outros elemen
tos da Frente de Atração intercalam-se às vistas aéreas enquanto
o sertanista Sydney Possuelo expõe em off a história daquele po
vo, sua resistência, o motivo de sua dispersão, a situação atual,
os propósitos e o método desta nova tentativa de contato.

As margens do rio passando, outra embarcação, os índios
intérpretes que integram o grupo de trabalho nadando nas águas
transparentes, e as vistas aéreas dão uma idéia da imensidão do
espaço e da calma suspensa criando uma leve expectativa.

O depoimento de um intérprete e de um dos mateiros esclarece a situação: procura-se os Arara, eles são valentes, sua língua é desconhecida e pode-se ter a certeza de que eles virão até onde se estiver.

A situação e a qualidade de vida deste povo se deteriorou quando a Rodovia Transamazônica lhes dividiu o território ao meio invadindo e derrubando suas roças e aldeias.

A sequência inteira é intercalada por fotos do pessoal que compõe a expedição, a de um auxiliar flechado, mapas onde se traça à mão a localização e o trajeto da Transamazônica e por detalhes de documentos da FUNAI onde Sydney expressa a preocupação e a necessidade de interdição daquela área.

O Bloco se encerra com uma série de recortes de jornais referentes às tentativas de contato efetuadas nos últimos 10 anos, à resistência desse povo e a esta nova tentativa.

Vinheta: (estamos apresentando)

Saída aos 13'59"

COMERCIAL

Audio 1:

Audio 2:

1º BLOCO

- Sydney : Hoje à noite já passo para você...
- Afonso : Ok.
- (geral) : Opa... tá certo.
- Sydney : Aproveitei e trouxe mais dois sacos de farinha que é para reforçar um pouco mais aí... a gente se fala à noite tá ?
- (geral) : ... ontem, hoje, hoje,... ficar, dois vão entrar logo depois.
- Sydney : É fazer o que for possível, depois aí, à noite a gente se fala pelo rádio, tá ok ?
- (geral) : ... opa, opa... (risadas).

-.-.-

Sydney : As primeiras informações a respeito dos índios Arara datam de 1853, foi o que de mais antigo nós pudemos colher já nessa região da confluência do Irirí com o Rio Xingú.

Essa área a que me refiro, área tradicional dos Arara, pelo que nós pudemos levantar ela iniciava - mais ou menos próximo a Altamira na altura do quilômetro 46, onde eram as primeiras roças dos Arara, onde hoje é a agrovila Brasil Novo.

Indo dessa direção para oeste até mais ou menos a altura do quilômetro 300, 280, por ai assim da Transamazônica.

Ao norte eles chegavam até o trecho médio dos rios Jaraucū e Penetecal, ao norte, e ao sul desciam - até exatamente a confluência do Rio Irirí com o Rio Xingú.

Não obstante a isso eles faziam grandes peregrinações. Então, nós temos referência dos Arara peregrinando até as cabeceiras do Rio Xingú, até onde inicia, quer dizer, já próximo lá dentro do Parque do Xingu, como temos também informações dos Arara peregrinando na área hoje considerada área dos Paracaná, até ali naquela região do Tucuruí onde está sendo feita a represa, quer dizer, eles abrangiam e peregrinavam por áreas distantes, longas, faziam grandes caminhadas, mas a área tradicional onde, digamos assim, seria o centro principal dos Arara é exatamente essa região descrita.

Esse grupo isolado vivendo ali, ele se manteve isolado durante muito tempo até que em 1970 houve a construção da Transamazônica, e essa Transamazônica veio e cortou o território dos Arara ao meio, dividindo então esse grupo dos Arara em duas partes. Uma parte ficou ao sul e a outra parte ficou ao norte praticamente sem contato uma com a outra.

A situação atual deles está exatamente nisso, com seu território cortado ao meio pela Transamazônica e invadido pelas vicinais que partem da Transamazônica com as agrovilas.

Hoje eles se acham comprimidos dentro de uma faixa de terra com uma média de 38 km. da margem do Irirí à Transamazônica, e mais ou menos com 80 km. de comprimento.

Em 1969 já aconteceu outro fato, foi quando os Arara foram espingardeados: foram mortos 12 Arara, e foram deixados alimentos envenenados para eles. Morreram 12 Arara nessa ocasião. A tiros.

Em 1970 iniciou realmente a Transamazônica, então começou um novo ciclo, esse talvez o mais importante porque era a Transamazônica, e como tal, havia aquela fatura de equipamentos e homens invadindo a área indígena. Então começou a época mais difi

cil para os Arara com a Transamazônica. O eixo da Transamazônica passou a mais ou menos 3 km. do centro da aldeia principal dos Arara. Fora isso as vicinais que saíam da Transamazônica passaram por cima de roças dos Arara, de antigos acampamentos e coisas assim. Então houve uma invasão generalizada do território dos Arara. Então isso simplesmente provocou uma desorganização total da vida dos Arara. Eles já não tinham nem as roças tradicionais, nem as suas malocas; a construção de malocas que nós constatamos dos Arara não tinham nada a ver com aquelas malocas primeiras que foram vistas, que eram grandes malocas, havia muito alimento armazenado, encontrava-se farinha, grandes roças, e então nada disso mais passou a existir porque eles não tinham mais tempo de se fixarem num lugar pra fazer e desenvolver esse trabalho.

Então piorou muito a qualidade de vida dos Arara exatamente por não ter mais condições de plantar. E isso veio até a pouco tempo.

Então o que aconteceu? - Aconteceu que invertendo o processo de trabalho que vinha desenvolvendo a Frente de Atração cujo objetivo era única e exclusivamente contatar os Arara, nós invertemos essa posição, nós passamos a... o objetivo principal é a contenção da invasão e dar uma certa tranquilidade e segurança para que os Arara pudessem reconstituir o seu estilo de vida, e seu modo natural de viver.

Nós estamos hoje com a Frente de Atração dirigida e voltada única e exclusivamente para a proteção física, territorial e patrimonial dos Arara.

O contato é uma coisa secundária e vai acontecer quando for possível. O importante é que se garanta a esse povo a terra que eles estão habitando.

-.-.-.-

./.

Oporiquê : Nós vai convidar, Frente Arara, ficar nosso amigo né, quando nós vai conversar com eles fica amigo que nem nós, porisso sempre nós vem pra convidar, pra conversar, pra olhar cara deles.

Eles gosta brigar com branco né, porisso eu, nós vai conversar, nós vai olhar.

Andrea : Porque que ele está brigando com os brancos ?

Oporiquê : Não sei. Não sei não. Mas ele não pensa pra frente. Ele não usa outra cabeça né.

-.-.-.-.-

Pionim : E a primeira missão nossa, qual é, vai ser primeira missão nossa ?

Manoel : A do 85.

Pionim : 85, e o senhor acha que lá tem muito grupo, lá tem muita aldeia ? Tem muita família ?

Manoel : Lá acho que não.

Pionim : Vocês estiveram lá o ano passado não foi ?

Manoel : Sim, e se muito tem uns dois homens.

Pionim : E será que a semana que vem, próxima semana que vem a gente conseguirá falar com eles ?

Manoel : Rapaz não sei, acho que vamos andar muito né.

Pionim : E o senhor acha que esse grupo de lá do km. 85, o senhor acha que é o mesmo grupo ?

Manoel : É o mesmo grupo, é desse mesminho daí.

Pionim : E por que separaram ?

Manoel : Rapaz, eu acho que foi no início da Transamazônica né ? Dividiu né, porque eles correram uma parte pro lado do Iriri e os outros ficaram pro lado do Amazonas.

Pionim : Sim, me explique uma coisa seu Manoel, porque -
nesse km. 120 eles são mais bravos ? Em que sen-
tido o senhor explica isso pra gente ?

Manoel : Rapaz, eu acho que o sentido deles serem mais -
bravos é porque eles tiveram muito choque aí, o
pessoal, com os fazendeiros, com esse pessoal -
que iam entrando aí, fazendo roça e a Transamazô-
nica mesmo, e eles foram se afugentando do que
eles tinham, vendo-se passarem fome, ou então fi-
carem com essa agressão violenta, porque eu...es-
se índio aí não é preciso o cara ir lá onde eles
estão não, pode deixar que eles vêm onde a gen-
te está.

-.-.-.-.-

Início aos 14'20"

Vinheta: (voltamos a apresentar)

Vistas aéreas da mata e do amplo Rio Xingú introduzem do ar a cidade de Altamira; dados superpostos à imagem revelam numericamente a área, a população e a localização. A cidade é vista do ponto de vista do rio, da Transamazônica e do Porto até penetrar-se no mercado, em seu comércio, vendo-se os edifícios públicos, as escolas, as ruas e a vitalidade de seu cotidiano.

Sydney, em off, narra a história do lugar desde sua primeira aparição em mapa, de seus primeiros habitantes e as tentativas de conquista e posterior expulsão dos invasores holandeses; sua transformação em capitania, o ciclo da borracha, o garimpo, a instalação de eletricidade, seu auge comercial, e crises, até a chegada da rodovia Transamazônica em 1970 e sua transformação em área de segurança nacional.

Narra ainda os fluxos migratórios a colonização dos projetos integrados, fala dos lotes e do processo de ocupação que se sobrepõe ao mundo dos Arara.

Na sede da Frente de Atração o Prefeito, o representante do INCRA na área, o Coronel Comandante do 51º Batalhão de Infantaria da Selva e o sertanista Possuelo falam da situação atual perante a Constituição e diante dos acordos entre o INCRA e a Cotrijui, uma Cooperativa do Rio Grande do Sul, e de seu projeto e transferência para a área.

Nas imagens intercaladas realizam-se os exames médicos, a aferição do almoxarifado, a distribuição de roupas e os preparativos para a nova expedição ao território indígena.

Vinheta: (estamos apresentando)

Saída aos 26'29"

COMERCIAL

Audio 1:

Audio 2:

2º BLOCO

Sydney : Altamira já era município desde 1911. Já em 1925 - com os créditos das vendas da borracha, castanha, peles, inaugura a eletricidade e com isso começa a beneficiar arroz, aparecem as usinas de açúcar, - olarias, serrarias, etc., e este processo vem crescendo até hoje; então hoje Altamira exporta também cacau, pimenta, castanha, etc.

No período de crise entre as duas grandes guerras o garimpo surge como uma opção econômica para a região.

Em 1970 então as obras da rodovia Transamazônica chegam a essa região abrindo ao longo de seu traçado, tanto para o norte como para o sul, a cada 5 quilômetros, as estradas vicinais que se prolongavam até 15 km. para dentro da mata ocupando até o limite de 50 km. a cada lado da estrada ao longo da Transamazônica.

Essa área foi desapropriada para os projetos de colonização.

Foi assim que os Arara nos conheceram.

Com tudo isso veio um novo fluxo migratório de centenas de pessoas e famílias chegando todos os dias 200, 300 pessoas por dia de todas as partes do Brasil.

Surgem então as agrovilas que eram núcleos planejados para uma média de 50 famílias cada uma ocupando, em média, uns 100 hectares mais ou menos; já havia então uma mão de obra e o INCRA ativou a licitação de áreas maiores de até 3 mil hectares por exemplo destinados a médios e pequenos empresários

que vinham já com projetos de fazendas.

Então já não era mais a colonização familiar.

Atualmente são áreas de 400 mil hectares que o Governo entrega a grandes corporações e é numa dessas áreas, entregue à Cotrijui que habitam os Arara.

A região torna-se então Área de Segurança Nacional e nesse período então é criada a Frente de Atração Arara; não em função dos Arara no sentido de-se resguardar o seu território, mas em função da própria ocupação nossa que avançava para dentro do território dos Arara.

E exatamente hoje após 10 anos dessa batalha nós estamos tentando ver se há alguma possibilidade de corrigir os erros do passado.

Afinal de contas, por século, nós matamos 1 milhão de índios dentro do país.

-.--.-.-

Cel. Isaias: Mas à FUNAI interessa saber dos Arara, à FUNAI interessa, a FUNAI quer saber, agora o pessoal da área basicamente... porque tem gente que tem terra à direita, à esquerda, passa por ali, existe um pavor de passar por ali, todo mundo tem medo que ali... nenhum motorista não gosta de passar só. Se furar um pneu ele vai ficar apavorado.

Então entre outras coisas é saber porque a FUNAI - decidiu incrementar, dinamizar a base Arara, porque isso tem uma implicação muito séria, porque o INCRA não poderia fazer um convênio com a Cotrijui com uma área de reserva, correto? É o óbvio, então, no encontro, por ocasião do convênio foi alertado? O INCRA sabia disso,? - que aquela área era de reserva? Ou foi feito a revelia da FUNAI? Tem muita pergunta boa ... !

-.--.-.-

./

Odair-INCRA : O INCRA transferiu uma área de terras à Cotrijui, uma área de terras de 400 mil hectares e a partir deste momento nós soubemos que houve uma interdição por parte da FUNAI.

Com referência a esta área a Cotrijui tem um projeto a que se propôs implantar aqui na área. Um projeto de colonização. Tem um projeto já fixado, um projeto já delineado.

-.-.-.-

Salomão : Entretanto, o representante da Cotrijuí naquele momento disse que não interessaria à Cotrijui iniciar esse projeto visto que as melhores terras para o cultivo estariam localizadas exatamente no km. 120 onde se pretendia abrir uma estrada prolongando a vicinal já existente do INCRA, de aproximadamente uns 9 kms. até o Irirí e essa abertura da estrada incidiria fatalmente no aldeamento dos Arara.

FUNAI

Por isso é que não interessaria à Cotrijui iniciar outro tipo de colonização mais para o norte da sua reserva porque as terras destinadas à colonização seriam exatamente as que estão perambulando os índios. Seriam as terras férteis, e que seriam melhores para o cultivo.

E a interdição dessa área oficialmente foi feita em setembro/outubro de 1978 através de uma Portaria do Presidente da FUNAI, e essa interdição foi apenas no sentido de oficializar a coisa porque a interdição de área indígena ela já é independente de um ato do Presidente da FUNAI, ela já consta da própria Constituição do Brasil que garante a permanência do índio, principalmente na qualidade dos índios Arara que são ainda arredios e não contactados.

-.-.-.-

./.

Dr.Edson : Eu gostaria de saber se dentro desses 400 mil
 Prefeito de hectares que o INCRA destinou à Cotrijui, se
 Altamira há alguma área desimpedida para a Cotrijui ini-
 ciar a implantação de seu projeto.

Sydney : Eu não sei qual a área que a Cotrijui possa -
 ter fora da área interditada pela FUNAI. Aí -
 nós não podemos saber, mas dentro da área in-
 terditada pela FUNAI não há perspectiva, pelo
 menos no momento de liberar absolutamente nada
 e também não vejo perspectiva nenhuma de num
 futuro próximo, ou em qualquer futuro desde -
 que permaneça a existência do Arara, dos ín-
 dios Arara, de se liberar a área para qualquer
 tipo de projeto ou de implantação.

-.--.-

Sydney : Você calça 39...não, 38. só tem 39 tá ?
 Você calça 40 ou 39 ?
 - 40.
 Ó Davi, a calça Davi... Davi, a calça.
 39... 38...
 Quem mais não ganhou calça, você ?

-.--.-

Início aos 26'46"

Vinheta: (voltamos a apresentar)

O Toyota da FUNAI avança por uma estrada vicinal norte da Rodovia Transamazônica, já retomada pela vegetação, indo até o rancho de um "posseiro" onde há 10 anos havia Tapiris, que são pequenos ranchos de palha, e uma roça dos Arara que chegou a ser motivo de disputa entre os antigos invasores, futuros posseiros.

Alí levanta-se um acampamento de apoio para a primeira penetração na selva.

Verificam-se as cargas, os equipamentos de rádio, as armas de caça, os primeiros socorros, enquanto o invasor, em off descreve a antiga ocupação indígena e Sydney expõe suas intenções e motivação no trabalho. Começa a jornada em busca dos Arara.

Carregados, os homens partem atravessando derrubadas, serras e densa mata alcançando o Igarapé Penetecal, limite do território a que foi forçado este grupo menor dos Arara, para onde fugiu após a chegada da Transamazônica.

Vinheta: (estamos apresentando)

Saída: 38'13"

COMERCIAL

Audio 1:

Audio 2:

3º BLOCO

Sydney : É nessa direção geral do norte que habita o grupo menor dos Arara.

Esse grupo foi dividido, se desmembrou do grupo maior quando a Transamazônica cortou e dividiu o território ao meio.

Nós vamos tentar nos aproximar e manter o primeiro contato com esse grupo; porque as informações que nós colhemos é de que são poucas pessoas, talvez 3 homens, algumas mulheres crianças junto com 1 velho.

A área que eles perambulam nós calculamos em aproximadamente 150 mil hectares, e nós pedimos que essa área fosse interditada para que pudessemos efetuar esse primeiro contato.

Os Arara são grandes agricultores, plantam bastante, isso nós podemos verificar já a partir de 68 quando o Afonso andando pela região encontrou as primeiras malocas dos Arara, e ali dentro ele encontrou estocada muita farinha, grande plantação de mandioca, banana, algodão, enfim muita coisa eles plantam...

Essa área vem sofrendo um processo de violenta invasão; as picadas de penetração que partem daqui passam algumas delas a metros das aldeias dos Arara; e tudo isso, evidentemente, dificulta os nossos trabalhos.

Eu penso que esse contato com o grupo menor dos Arara possa facilitar o encontro que nós pretendemos ter com o grupo maior dos Arara ao sul, o grupo que se localiza às margens do Irirí, entre o Irirí e a Transamazônica.

É motivo pelo qual nós estamos iniciando então os trabalhos através aqui do km. 80.

Essa terra é terra tradicional dos Arara, de antiquissima ocupação, é ocupação que nós chamamos de imemorial, eles sempre habitaram por aqui. Iso nós já pudemos constatar através das verificações que já foram possíveis nós fazermos aqui - dentro da área.

Hoje este território está todo ocupado, está todo tomado. São novos os donos das terras aqui.

De forma que hoje estas mesmas roças, diversas - destas roças daqui foram roças que pertenceram - aos Índios Arara... a maior parte das mudas de banana que a gente vê por aqui, os mamoeiros, entende, era tudo cultura tradicional dos Arara.

Quando se estabeleceu a Transamazônica e se abriram as vicinais aqui dentro elas derrubaram praticamente as roças dos Arara, destruíram roças - dos Arara, e houve até disputa entre colonos que aqui chegavam pela posse dos locais onde já tinha roça dos Arara.

-.

Invasor : Só não tem notícia nova né, mas de moradia deles era há mais tempo né.

Sérgio : A moradia deles era bem aqui então ?

Invasor : Era sim senhor porque aqui assim tinha umas aldeias, alí assim tem outras, acolá assim tem outras; a mais nova que tinha quando eu cheguei... aqui ainda tinha até plantio deles, mamão, banana, abacaxi, mas eles já tinham derrapado da aqui né.

./.

Só tinha sinal que eles pararam aí mesmo.

Lá nesse lugar tinha um lugarzinho que tinha uns 8 tapirizinhos, casinhas deles pararem né, é as sim, lugar que fizeram uma roça, e lá eles fizeram a morada deles.

-.--.-.

Início aos 38'30"

Vinheta: (voltamos a apresentar)

À beira do Igarapé Penetecal levanta-se desta vez o acampamento base, derrubam-se algumas árvores para abrir espaço, construir um racho e garantir uma visibilidade de segurança.

Entre as árvores e as redes com os mosquiteiros transcorre o dia de trabalho; constroem-se uma casa de palha e solicita-se a identificação daquele local por rádio pela ajuda de um sobrevoo.

Afonso Alves da Cruz, sertanista auxiliar, narra uma tentativa anterior de contato com os Arara, oportunidade em que ele próprio e alguns mateiros foram flechados.

Sydney pelo rádio entra em contato com o piloto e coordena os trabalhos de sinalização através de fumaça para que o avião possa localizá-los do ar.

Afonso narra ainda uma reunião em Brasília na qual expôs à cúpula da FUNAI e do Ministério do Interior suas razões e conhecimentos para que se interrompessem os trabalhos de apoio à Cotrijui apesar do respaldo que esta encontrava nas autoridades, e o conhecimento prévio que se tinha da existência daquele povo.

Do avião, sobrevoando a área, localiza-se o acampamento pela fumaça e mais adiante avista-se uma casa abandonada, pelos índios, que com a nova aproximação dos brancos mudaram-se mais uma vez.

Vinheta: (estamos apresentando)

Saída aos 52'05"

COMERCIAL

Audio 1:

Audio 2:

4º BLOCO

Sydney : Esse local, o Igarapê é um local bom para estabelecer acampamento porque ele limita a ocupação - maior que vem vindo da Transamazônica e vai morrendo na beirada desse Igarapê, e daqui pra frente é a área mais ocupada pelos índios.

Ora, isso tem uma importância fundamental porque nós tentamos aqui estabelecer o contato com um povo totalmente diferente, de valores diferentes, no qual é muito mais importante a análise do comportamento do que até você chegar e conversar - com os Arara; é muito mais importante que eu respeite os sinais que eles nos deixam, pequenos cipós que ele quer com aquilo vedar o nosso acesso a uma área, do que outras atitudes, do que... veja você, atos de hostilidade dos Arara diversos ocorreram, eles mataram 3 da CPRM (Cia. de Pesquisa de Recursos Minerais), quando invadiram - suas terras. Não prestaram atenção nos avisos - que eles deixaram. Atacaram trabalhadores da fazenda Maracajã que foram feridos, mataram outras no km. 115, enfim, diversos foram os atos de hostilidade dos Arara.

Isto não quer dizer que ao estarmos nessa periferia não corramos risco nenhum, pode até ser que a gente se exponha a algum risco, a algum ataque, a alguma coisa. Entretanto, se isso viesse a acontecer seria mais um ato de legítima defesa dos Arara na defesa de suas terras.

-.-.-.-

Afonso : É como lhe falei que eles flecharam uma cachorra aí em Altamira, aí na colônia, aí o Prefeito mandou a polícia. Veio um destacamento da polícia - aí e deu uma carreira neles.

Sydney : Nos índios ?

Afonso : Nos índios, porque eles chegaram de lá com redes dos índios e tudo.

Sydney : Então eles entraram em aldeias e ...

Afonso : Não, os índios estavam acampados. Tinha um cara aí que andava também... eu sei que veio um destacamento da polícia e que o Prefeito mandou, entraram, eu sei que chegaram de lá com redes deles, bananas, essas coisas, tomaram tudo, deram uma carreira neles. Acho até que atiraram neles porque é polícia...o Prefeito mandou pra matar, mandou a polícia pra matar.

Então foi a extinta de novo a Frente. Quando foi em maio de 1977 foi reativada de novo. Houve um colono aí, eles mataram um colono e foi quando foi reativado.

Aí nós...daí da vez que eu penetrei na aldeia deles foi quando o Milton foi flechado.

Adriana : Eles estavam na aldeia ?

Afonso : Estavam na aldeia, nós chegamos lá ao meio dia. Estavam todos lá na aldeia.

Adriana : Quem estava do pessoal daqui ?

Afonso : Estava eu, o Zé Darwich, esse pessoal velho que estava aqui todo, o Wilson, Manoel Lucas, o Milton, o Sobral.

Adriana : O Pionim não estava ?

Afonso : Não, o Pionim não estava, isso foi em setembro - nós fomos lá e eles flecharam o Milton... antes um índio viu nós, dois rapazinhos que estavam assim viu nós, aí correu pras casas e gritou- Gritou, o pessoal saiu aí eu mandei o Ananu falar.

Quando o Ananu falou eles ficaram olhando, olhando, assim, assim, pra nós e o Ananu falando...

Aí depois um indio velho, dava para observar bem eu estava assim uns 40, 50 metros dentro da roça, aí ele entrou dentro de uma casa, pegou num arco e ai olhou pra nós assim, e pegou as flechas, deu uns dois gritos ali e flechou. Agora, antes ninguém tinha flechado, depois que ele foi lá, - saiu fora, deu os gritos ali no terrero da aldeia...

Adriana : Só saiu um homem ?

Afonso : Não, saiu mais, mas agora, antes, só flecharam depois que ele gritou, que ele deu o grito e jogou uma flecha no Ananu. Depois que ele flechou o Ananu aí os outros saíram flechando logo todo mundo, mas antes ninguém tinha flechado.

Adriana : Sairam assim atras de vocês ?

Afonso : Não, foi dentro da roça mesmo, foram flechando pra todo lado, jogando flecha pra todo lado, de todo jeito eles jogavam flechas, mas em cima de nós, eles caminhando pra cima de nós e flechando e nós recuando, recuando e eles flechando, flechando, e os dois indios que estavam falando, outro rapaz também civilizado que falava Tupi também falando e eles flechando. Quando chegou assim já próximo nós entramos pra dentro do mato, aí eles afastaram um pouco, afastaram e ficaram só jogando as flechas, mas aí nós já estávamos dentro do mato protegidos dos paus. Daí, nós tínhamos deixado nossas redes lá na frente, daí seguimos no mesmo caminho que nós tinha vindo... Aí 1 km. ou 2 kms. foi quando eles atacaram e flecharam o Milton.

Sydney : Vê se ele pega também a distância daqui dessas posições pra gente ter também a nossa localiza-

ção geográfica, para ver se a gente levanta onde é que nós estamos; o ponto exato onde a gente está... está ok ? já vai levantar vô ? Cambio.

(rádio) : Está decolando, a aeronave já vai levantar, vai decolar, vou partindo daqui com a aeronave, e logo já deve estar lá, entendido ?

Sydney : Positivo. Está ok. Então nós vamos aguardar porque a fumaça já está começando a subir, está - meia fraca mas já está subindo e estamos aqui - aguardando.

Ananu : Acabou o açúcar.

Sydney : Ah ? Açúcar acabou ? Quando acaba você fala ? Não pode Ananu. Antes que acaba você tem que falar. Antes que acaba, chega pra mim e fala - Sydney, o açúcar ta poquinho. A gente já providencia. Depois que acaba, acabou. Tem que cuidá. Você olha as coisas antes de acabar, daí você chega pra mim e avisa, depois...

Adriana : Como foi a ida a Brasilia ?

Afonso : A ida a Brasilia foi boa, foi ótima.

Adriana : Quando é que foi isso ?

Afonso : Foi em 78. Em outubro de 78.

Adriana : Que que era a reunião ?

Afonso : Era uma reunião sobre essas terras mesmo dos Arara, aqui da Cotrijui com os Arara.

Adriana : Você foi lá para esclarecer alguma coisa ?

Afonso : Ah ! - Chamaram para esclarecer porque a topografia deles ela passava dentro das roças dos índios, cortava as aldeias deles, então no mapa deles ela cortava dentro das roças deles.

Adriana : E aí ?

Afonso : Aí eles suspenderam os trabalhos da Cotrijui. Mas dali a um mês depois já veio uma ordem que era - para continuar os trabalhos da Cotrijui e o próprio pessoal da FUNAI mesmo dar apoio à Cotrijui, parar o trabalho da FUNAI e dar apoio à demarca-

ção em terra da Cotrijui.

Adriana : Nessa reunião lá, já estava o pessoal da Cotrijui ? Quem estava nessa reunião ?

Afonso : Estava o pessoal da Cotrijui, tinha um capitão do exército que estava aqui em Altamira, que era um dos diretores da Cotrijui. Ele estava lá em Brasília, a primeira vez ele estava lá.

Adriana : E Salomão estava ?

Afonso : O Salomão estava, o Amauri.

Adriana : Sydney já estava ?

Afonso : Não, tava um ... tinha três da Cotrijui, tinha o Presidente do INCRA, Ministro do Interior, Presidente da FUNAI... o meu papel era dizer que não tinha condições da Cotrijui continuar os trabalhos dela ali. A questão foi essa, eles não tinham condições.

Adriana : Mas eles estavam querendo ?

Afonso : Eles estavam querendo, como de fato depois veio uma contra ordem desfazendo o que eles tinham feito lá, o que eles tinham dito lá, o próprio Ministro, que era pra suspender os trabalhos da Cotrijui, pra FUNAI terminar primeiro o trabalho dela, e depois já veio uma ordem mesmo do Ministro que era para demarcar a terra. O próprio Ministro deu o dinheiro né, para demarcar. Deu dinheiro particular. Independente da FUNAI ele deu dinheiro particular para demarcar terra da Cotrijui.

Sydney : Ah, para a Cotrijui ?

Afonso : Não, ele deu para a FUNAI porque o General Ismarth ...

Sydney : Para demarcar terra para a Cotrijui ?

Afonso : Para a Cotrijui. Porque o General Ismarth falou que não tinha recursos. Então ele disse: eu vou dar todo o apoio, vou dar recurso, vou dar tudo. Aí depois quando o presidente veio aqui eles fizeram apêlo, o Geisel esteve ai, eles fizeram aquela fofoca.

Adriana : Que fofoca ?

Afonso : Não, os problemas das terras, disse porque diz que aí era um grupinho de índios e que eles estavam com o trabalho deles parado por causa daquele grupo de índios, então eles alegaram de que uma estrada do 120 ao Iriri, onde é o PV1...

Sydney : Em 77, em 77 a Cotrijuí sabia das roças dos índios, da existência deles ?

Afonso : Sabia porque eu vim com eles e sobrevoamos aquela área do 75 até o 195 com o Brigadeiro Camarão. Então eu mostrei a ele. - Olha, os índios - estão aqui. Ele disse: - está bem. Olhamos as roças, roças velhas abandonadas deles. Fotografaram roças, tudo.

Depois disso quando foi daí a um mês mais ou menos ele mandou pessoal dele, o Brigadeiro Camarão era o coordenador deles.

Sydney : Era o coordenador então é ?

Afonso : Quando houve esse problema aqui que foi suspenso o trabalho da Cotrijuí aqui, foi eles, foram, com ele, aí foi ele que... aquele negócio daquela reunião foi planejada por ele, foi com o Ministro da Agricultura.

Agora, no dia lá da reunião lá com o Ministro do Interior ele não foi. A primeira reunião dele - foi com o General Ismarth, o Ministro da Agricultura, o do Interior e o Presidente do INCRA mas na segunda reunião ele não foi.

Mas isso eu esclareci lá para eles, que eu tinha voado naquela época com o Brigadeiro Camarão e que eles tinham fotografado roças, tudo, - e o próprio cara da Cotrijuí mesmo confirmou que tinham voado mesmo e que tinham visto roças.

-.---.--

Início aos 52'19"

Vinheta: (voltamos a apresentar)

Amanhece no acampamento às margens do Igarapé Penetecal.

Na luz azulada da manhã, dentro da selva, os homens tomam café com cuscus e partem para a primeira tentativa de contato após a localização das casas vistas do ar.

Carregados e levando presentes, penetram na selva com atenção e olhos voltados para o chão por causa dos estrepes, armadilhas que os Arara deixam em seu rastro, onde acidentalmente dois intérpretes furam os pés, e alcançam as aldeias de caça a pouco abandonadas pelos índios.

Deixam presentes, continuam a busca e alcançam outras casas, também abandonadas.

Aproximam-se cautelosamente sempre ajudados por um intérprete que grita em sua língua expressões de amizade e de boas intenções, mas ninguém responde e nem aparece.

Contudo, um sinal de recusa fica claro quando uma das panelas, deixada como presente, é amassada pelos índios sem que ninguém veja o instante.

Momentos de tensão decorrem enquanto os Arara, após amassarem a panela, sem se mostrarem permanecem escondidos atrás da mata.

Os mateiros identificam a presença dos índios pelo cheiro no metal, enquanto Caraivá, um índio Txicão, intérprete, gesticulando para a mata com a tampa amassada na mão repete que as intenções são de amizade e ajuda.

Os Arara estão ali, à volta, com certeza observando mas não se mostram.

Durante esta penetração na selva Sydney descreve o que foi encontrado, o porque da fuga constante deste povo e qual de

veria ter sido a política de respeito em relação às populações -
indígenas.

Encerramento do 1º Programa.

Saída aos 63'02"

F I M

Audio 1:

Audio 2:

5º BLOCO

Sydney : No sobrevoo que nós efetuamos, de avião, nós vi-
 mos 3 casas. Quando nós penetramos, fizemos a pe-
 netração por baixo nós descobrimos 5 casas até
 agora,. Com mais uma que existe perto de uma ou-
 tra roça, porque nós sabemos da existência dela
 comprovadamente, com mais duas casas então se-
 riam 7. Há possibilidade de outras casas aonde
 eles estão agora. Porque quando nós chegamos -
 eles correram, se esconderam, pro mato. Então -
 nós chegamos, Não mechemos em nada, deixamos -
 uma picada que conduz deles até nós, deixamos ta-
 pirí, deixamos presente, não tocamos em nada e
 voltamos e passamos do lado de cá do Igarapé, por-
 que, se você notar do Igarapé para a frente vo-
 cê começa a ter vestígios deles. Do Igarapé pa-
 ra trás nessa área aqui você não tem mais vestí-
 gios, eles não frequentam. Então aqui é o limite
 do território deles, então saímos fora do terri-
 tório deles e ficamos na beirada, na periferia, -
 com um caminho feito deles até nós, com presentes
 que é simplesmente uma forma da gente dizer: -
 Olha, estamos convidando vocês a chegar até aqui.
 É a única forma que nós temos de demonstrar bom
 relacionamento, que nós queremos um bom relaciona-
 mento, boas intenções.

Então é isso aí. Agora, isso foi encontrado, cin-
 co casas com possibilidade de mais quatro ainda -
 inteirando nove, mas isso são possibilidades. Cin-
 co existem de fato. Casas grandes que comportam..
 se você encher todas essas casas de gente, tudo -
 ali pega mais de 50 pessoas... Aí é que está, elas

estão sem utilização pelo menos a meses. Só numa delas que nós penetramos que nós vimos vestígios recentes, quer dizer, o índio pressentiu que nós íamos chegar, ele apagou o fogo com água e foi aonde o pessoal foi estrepado no caminho, que o Pionim estrepou os pés e o Caraivá também estrepou os pés. Nós encontramos exatamente isso; a mesma situação do lado de lá. Caminhos com armadilhas, são aqueles estrepes feitos de bambú, aquilo é muito perigoso - você mete o pé e aquilo vara mesmo o pé e há possibilidade de infecção muito grande porque aquilo fica exposto ao tempo, fica cheio de sujeira.

Caraivá : (gritando em língua Txicão para a mata)
Sydney : A situação agora daqui pra frente é uma situação de compasso, de espera.

Agora, esse trabalho aqui pode demorar 1 mês, 2, 3, não se sabe, mas mesmo assim nós temos que aproveitar o verão aí agora e já verificar tudo para lá pra baixo no Irirí já começar a desencadear a outra fase enquanto... eu mesmo me pergunto: - porque contatar esses Arara ? não bastaria simplesmente chegar e delimitar uma área e dizer - esta área está delimitada e fica dos Araras. Ora, nós estamos sabendo que a área delimitada de les é uma área que já venderam até. Mesmo a área interdita, escrito lá "Área Interditada. É Proibido a Entrada" - eles invadem, então não adianta. Tem que ter um esquema de proteção com a presença nossa ali dentro dizendo pra cada elemento que for chegando e querendo entrar: - você se afaste porque isso aqui é área indígena.

E nós só podemos isso na medida em que nós tivermos um relacionamento com eles. Daí porque é importante nós mantermos esse contato.

Porque quando se foi fazer a Transamazônica não se verificou antes, isso vai passar em território indígena, e se fez exatamente o desvio dessa área ? Então nessa época seria possível. Se nós tivéssemos organizado esse negócio, não invadísemos o território, estaria tudo tranquilo, mas não, nós não consideramos a presença deles e invadimos e metemos o trator em cima e está - aí hoje uma situação que a gente tenta melhorar. O problema é a falta de uma política global que antecipadamente leve em consideração a presença do índio em determinada área.

-.-.-.-.-

- Andrea : Tem que tomar cuidado né.
 Manoel : É, tem que tomar cuidado sério.
 Andrea : Ele não está a fim mesmo de pegar o presente, esse aí é um sinal claro...
 Afonso : Esse aí é um grande sinal, quando ele faz assim... Não, deixa assim mesmo Caraivã, deixa assim, deixa desse mesmo jeitinho.
 Caraivã : (gritando em língua Txicão para a mata).
 Oporiquê : Escutei o barulho da panela.
 Afonso : Ele machucou, botou dentro, pegou assim...
 Caraivã : (gritando em língua Txicão para a mata).
 Oporiquê : Ele mesmo, foi ele mesmo rapaz, eu escutei bem... uma porrada...

-.-.-.-.-

OS ARARA



rt.piza

PROJETO "OS ARARA" (2a. Parte)

Fita: VT 1936

Duração Total: 54'30"

Produção/Direção: Andrea Tonacchi

Realização: Interpovos/TV Bandeirantes - 1980/1981

No ar dia:

1º BLOCO

Início aos 02'10"

Fotos das placas dos empreendimentos na região sul da Transamazônica entre Altamira e Itaituba, bem no meio do território dos Arara abrem o programa; indicações num mapa narradas por Sydney localizam a área onde a Cotrijui construía a estrada de implantação de seu projeto de colonização, que foi interdita pela FUNAI.

O título, os Arara, aparece em fusão sobre as imagens em movimento do percurso desta vicinal sul da Transamazônica seguido de dados numéricos relativos à área e à interdição.

Sydney indica a localização do Posto de Vigilância I que é outro acampamento da Frente de Atração; mostra o Posto, descreve seu cotidiano, sua estrutura de funcionamento, sua função, os meios de defesa e deposita juntamente com os homens de sua equipe alguns presentes num Tapiri situado a algumas centenas de metros do Posto. É dali que os Arara retirando os brindes e as vezes retribuindo-os com outros presentes espreitam e observam a movimentação no Posto.

Na realidade eles estão à sua volta toda, atrás da mata, atentamente presentes sondando as intenções deste grupo de homens brancos que sem penetrar-lhes o território impedem a entrada de novos invasores.

Vinheta: (estamos apresentando)

Saída aos 10'59"

COMERCIAL

Audio 1:

Audio 2:

1º BLOCO

Sydney : Nós estamos entre o Rio Iriri e a Rodovia Transamazônica, numa faixa de 80 kms. de comprimento - por uns 40 de largura a oeste de Altamira - bem no meio do território dos Arara.

A gama de interesses e investimentos nessa região a sua diversidade geológica e ecológica são tão grandes quanto a sua potencialidade econômica.

Aqui é o Posto de Vigilância 1 (PV1).

É bom lembrar que o Brasil são 8 milhões e meio de quilômetros quadrados. A Amazônia Legal são 5 milhões de quilômetros quadrados, isso representa 60% do território nacional.

Em termos de população vive na Amazônia Legal menos de 8% da população brasileira; não é possível que não possamos preservar a terra desses povos, desviar as estradas,...

Evidente que um número tão restrito de pessoas - não se constitui em problema algum para o desenvolvimento nacional, e na verdade nós é que somos os de fora, nós somos aqueles que chegaram. Na verdade nós constituímos problemas para eles, agora o que ninguém vai pretender é que ao longo de uma rodovia do tamanho da Transamazônica com milhares e milhares de quilômetros de terra virgem, ela ficasse lá à espera de que o INCRA amanhã ou depois distribuisse os títulos sem que o pessoal entrasse e ocupasse.

Daí porque a porcentagem de posseiros é muito maior do que a porcentagem dos títulos distribuídos.

O fato que me parece fundamental é que se defina com a maior rapidez o que pode ser ocupado com segurança na Amazônia porque esse é o grande drama; não adianta nós lutarmos apenas pela defesa de algumas comunidades indígenas isoladas...o governo não pensa no indivíduo, pensa no investimento que tem que fazer para tornar viáveis economicamente esses projetos como unidades de produção.

Os projetos integrados de ocupação em áreas de 250 mil a 500 mil hectares são as soluções viáveis que o governo encontrou para esses projetos.

É numa dessas grandes áreas, nessa região, que estão as melhores terras do Estado do Pará e onde a Transamazônica, INCRA, os interesses nos minérios, a Cotrijuí, os interesses políticos, tudo isso se sobrepôs aos Arara.

Uma atração é em última instância a criação de uma de pendência; eu tenho consciência disso, mas eu ainda acredito ser a forma menos violenta de contato.

-. - . - . -

Sydney : Esta é a estrada que a Cotrijuí abria e aqui começa a área interdita para a Atração dos Arara.

Esta estrada foi aberta o ano passado, então a FUNAI interditou porque ela vinha exatamente em cima das aldeias e parte das roças dos Arara.

Mais a frente, seguindo este caminho aí nós temos então o primeiro Posto, o Posto de Vigilância nº 1 que tem por finalidade vigiar toda esta

área fronteiriça com a Transamazônica evitando a entrada de elementos estranhos e que possam perturbar os Arara em primeiro lugar, e depois os trabalhos de contato com eles.

-.-.-

Este é o Posto de Vigilância 1 que tem por finalidade fiscalizar uma das áreas dos Arara, a área fronteiriça a Transamazônica.

É exatamente por este caminho que penetram a maior parte dos invasores, principalmente gateiros, garimpeiros... então a finalidade é fiscalizar e impedir a entrada dentro da região interdita dos Arara.

Há um sistema de luz que foi instalado porque aqui já teve outro acampamento da Frente, porque aqui já houve um ataque noturno... que no caso de ataque noturno, como foi da outra vez uma das formas de afastar é ligar o motor, acender as luzes e com isto talvez a possibilidade de afastar os índios em caso de ataque.

-.-.-

(geral) Vozes.

Sydney : Aí, ótimo, vamos deixar tudo aqui... os presentes, agora... isso, vamos separar as coisas, espelhos...

(geral) A casa ficou boa...

Sydney : Aliás vamos botar assim...

(geral) Porque aí não cai...

Sydney : Bota aí dentro, vamos botar aqui, isso...

(geral) Eles estão aí ?

Sydney : ... isso, agora bota aqui, para eles levarem, aí, tá ótimo.

(geral) Deixaram aonde ?

Sydney : Deixaram aqui pendurado, aqui nesse cantinho.

(geral) Fica mais fácil deles vir né ?

Sydney : Está ok, agora vamos,... é mel com água...aliás...

(geral) Eles estão pertinho.

Sydney : Estão, eles estão aí, o coisa estava vendo um -
vulto aí agora... porisso que eu falei para ele...
estava, estava vendo um vulto andando lá agora.

(geral) Se desse para falar com eles agora seria uma boa né ?

Sydney : Ah, ia ser ótimo.

Início aos 11'18"

Vinheta: (voltamos a apresentar)

Rugidos mecânicos ecoam através da mata enquanto as fo
lhagens são violentamente agitadas.

A poucos quilômetros do Posto de Vigilância I e a algu-
mas centenas de metros da divisa da área interdita para a
Atração dos Arara máquinas pesadas do INCRA a serviço das serra-
rias da Cotrijui derrubam grandes troncos de madeiras raras, ser-
ram-nos e preparam-nos para o transporte.

Sydney explica que os Arara não permanecem indiferentes
a essa movimentação pois o ruído destes monstros mecânicos ouve-
se num raio de dezenas de quilômetros dentro da selva, onde qual-
quer som é percebido a longa distância; conversa com o operador
de uma máquina e com o colono dono do lote limítrofe à reserva,
onde se desenvolvem os trabalhos de atração, avisa-os e expõe as
razões e consequências do ataque que os Arara desfecharam contra
o Posto de Vigilância, ferindo dois auxiliares, isto apenas al-
guns dias após o início dos trabalhos de extração de madeira.

O ataque ocorreu à noite, de surpresa e foi um ato de
legítima defesa dos Índios Arara na proteção de seu território;
eles não nos separam do resto dos homens brancos. Para eles per-
tencemos todos a esta coisa nova que invade e destroe.

Vinheta: (estamos apresentando)

Saída aos 22'13"

COMERCIAL

Audio 1:

Audio 2:

2º BLOCO

Sydney : Estamos a mais ou menos três, quatro quilômetros do Posto de Vigilância 1 de Atração dos índios - Arara e isto que os senhores estão vendo está - ocorrendo a mil e poucos metros da área interdita... o corte de madeira, as entradas da máquina, destruição de um modo geral, que agride a região desta forma.

-.--.-.

Sydney : ...é, aqui é a área dos Arara, os Caiapó que você está se referindo é longe...

Tratoris

ta : Vocês dão alguma assistência para eles ?

Sydney : Damos, por exemplo, nós estamos aqui no caso dos Arara tentando preservar a área deles; enquanto nós tentamos preservar os brancos vem vindo fazendo, neste processo de colonização que estamos vendo, na área deles, aqui dentro.

Tratoris

ta : Escuta, digamos, para eles, escutando essa zoada, o senhor, eles falaram alguma coisa com o senhor? como é ?

Sydney : Não, você é um homem que trabalha há mais de 2 anos né ? Deve ter ficado na mata em lugares isolados, sabe que uma máquina dessas trabalhando - a quantos e quantos quilômetros de distância se escuta ela.

Tratoris

ta. : Principalmente quando está no local que o vento ajuda, digamos que temos uma parte alta, aí outro está numa parte baixa, a gente escuta muito longe.

Sydney : Exatamente... dezenas de quilômetros dentro da mata você escuta esta máquina, isso desperta a atenção deles e eles vêm ver o que está acontecendo.

Aqui a mais ou menos, o pique da área de reserva, está a quantos metros ? - Quatrocentos, 1 quilômetro mais ou menos, então estamos a mil metros da área interditada para os índios, agora o índio não sabe que de agora em diante... que a área - ali está interditada... isto aqui foi também - área deles, então mesmo a gente fazendo a linha divisória ele não entende o que é aquilo, entende ? Isso aqui é área deles também, então eles passam e olham, eles vêm este tipo de trabalho, esta coisa monstruosa movimentando, mechendo a mata, e isso assusta eles, e é um dos motivos - que nós acreditamos que tenha originado o ataque de agora ao Posto, exatamente esta movimentação de máquinas, que tem quanto tempo, não tem 15 dias não é ?

O Posto está instalado a quase três meses e nunca aconteceu nada; 15 dias após as máquinas trabalharem aqui o índio foi lá e flechou...

Ajudante : Vocês já tem o local preparado para este índios?
(Tratoris
ta) :

Sydney : Não, o local preparado para eles é exatamente es se que nós estamos preservando.

Ajudante : Eu sei, mas se depois de conseguir eles, já tem
(Tratoris
ta) lugar preparado ou é fala do pessoal ?

Sydney : Não, não, o lugar deles é exatamente este, este mesmo lugar que está interdito que é a chamada área da Cotrijuí é o mesmo lugar onde eles vão permanecer. A FUNAI não pensa em retirar ou remanusear ninguém daqui.

Ajudante (Tratoris ta) Então quer dizer que essa área que a Cotrijuí está querendo prever é quase negativo sobre retirar os índios ?

Sydney : Quase não, eu diria está negativo !

Ajudante (Tratoris ta) Seu Sydney escute, e os camaradas que foram flechados, morreu algum ?

Sydney : Não. Dois foram transportados na mesma noite; - duas horas depois que eles foram flechados nós já estávamos aqui, e transportamos eles para Altamira onde foram medicados. Um recebeu uma flechada na boca, varou a boca lá pra dentro, o outro, esse mesmo recebeu uma flechada no braço, varou o braço aqui, o outro levou uma flechada aqui, a flecha entrou, varou, saiu na mão aqui atrás, foram três flechadas em dois homens, estão em Altamira, estão passando bem, não há mais problema nenhum. Agora isto pode se repetir novamente na medida em que esse movimento de máquinas, essa coisa continuar aqui, isto pode se repetir.

Tratoris ta. : Agita muito eles.

Sydney : Agita muito eles, é isso aí ! Essas máquinas, eles vêm acompanhando o processo delas desde a construção da Transamazônica, foi assim mesmo, eram essas máquinas que vinham empurrando as aldeias deles cada vez mais para trás, mais para

trás, mais para trás e eles voltando, voltando,,,

Ajudante (Tratoris ta) : No (km.) 85 mesmo tinha aldeia deles também, dos índios, não tinha ?

Sydney : No 85, antes do 85 onde está a agrovila Brasil - Novo, no (Km) 45, 46 ali começavam as primeiras roças dos índios, com a vinda da Transamazônica eles foram afastando, afastando e hoje estão lá pra baixo.

Tratoris ta. : Acredito que eles tenham um pouco de razão né senhor ? Porque ha muito tempo, já pensou, digamos nós que trabalhamos num local e de repente vem - e nos tocam dali, nós vamos, deixar tudo, nossa casa, nossa plantação toda né, ninguém gosta né?

Sydney : Exatamente. Eu fico até contente de escutar você falar uma coisa dessas porque normalmente as outras pessoas dizem que o índio é um bando de vagabundos que anda...que nós precisamos levar o progresso, etc. etc. e nós não não somos contra o progresso. Não, a FUNAI não é contra o progresso, nem nós particularmente somos.

Nós somos simplesmente contra a violência no território deles, e a gente fica contente em ver - por exemplo, elementos como vocês que trabalham para o progresso, para o desenvolvimento, etc. , compreender que isso que nós fazemos aqui hoje é uma violência; vocês são funcionários, vocês têm que cumprir as ordens, ganhar o pão de cada dia , tudo muito bem, eu me refiro a uma outra ordem - maior, a um esquema maior montado, esse esquema deveria também compreender o quanto é importante a preservação destas áreas principalmente as áreas interditadas para a atração de grupos arreios.

Início aos 22'26"

Vinheta: (voltamos a apresentar)

Sydney juntamente com o chefe do Posto de Vigilância exibe as flechas que ficaram encravadas nas paredes do Posto e narra como foi o ataque dos Índios. Fala dos feridos, do socorro - prestado, das luzes instaladas que viradas para a mata, quando - acesas à noite, iluminam todo o pátio à volta e juntamente com o ruído do motor gerador tem a função de assustar e afastar os que porventura se aproximarem armados.

Sentado ao lado do Posto narra o que julga serem os motivos deste ataque esclarecendo que será ao longo do tempo e pelo nosso tipo de comportamento que será possível demonstrar que não somos iguais aos elementos regionais que estão ali para cons-truir fazendas e derrubar a mata, mas para proteger-lhes o território e que somente o tempo poderá sedimentar nos Arara a con-fiança que eles necessitam ter para se aproximarem.

Vinheta: (estamos apresentando)

Saída aos 32'09"

COMERCIAL

Audio 1:

Audio 2:

3º BLOCO

Sydney : Este é o Posto de Vigilância 1, unidade da Frente de Atração Arara que na noite do dia 12, por volta das 19h30 foi atacado por um grupo de índios Arara.

Por volta mais ou menos das 7h30 minutos o pessoal estava aqui na cozinha jantando, quando foi surpreendido, quando houve o ataque. Foram surpreendidos com uma chuva de flechas e o Corrô - que está aqui ao meu lado é o responsável pelo Posto... essas aqui são as flechas que foram lançadas. Corrô é o responsável pelo Posto, elemento já antigo dentro do trabalho e que já vem de outras lutas, inclusive já tinha sido anteriormente flechado no peito.

Então, o Corrô que está aqui, pode melhor explicar como foi que aconteceu.

Inicialmente queria dizer que teve flechas que pegou... as flechas foram lançadas pelas gretas, agora estão mais unidas, o pessoal já uniu mas os índios se aproximaram bem aqui, à noite, e colocaram praticamente a ponta da flecha aqui dentro; o pessoal comendo, não percebeu e lançaram as flechas lá dentro.

Duas flechas atingiram dois servidores nossos, - dois mateiros; duas não, três flechas. Duas pegou num elemento, uma pegou na boca aqui debaixo do septo nasal e varou o céu da boca, a outra atingiu o braço e uma terceira, num outro elemento, pegou a mão. Enfim, os elementos foram evacuados, foram para Altamira, submetidos à cirurgia, estraiu-se as flechas e já estão passando bem.

Mas o Corrô pode falar como foi o ataque, como aconteceu a coisa aí.

Corrô : Nós tava jantando e quando nós demos fê foram as flechas na gente, na mesa, os rapazes gritando - estou flechado - então a gente correu lá - pra outra casa atrás de proteção. Depois nós a cendemos as luzes e os índios afastaram com a claridão das luzes.

Sydney : É preciso explicar o seguinte: as luzes a que ele se refere é um sistema de luzes instalado em volta do acampamento que tem exatamente essa finalidade. Fica desligado e em momento de necessi dade o motor é ligado. Então a iluminação é diri gida contra a mata ficando o Posto às escuras. En tão, depois do ataque, logo no momento do ataque eles ligaram o motor e então com o barulho do mo tor e a luz que os índios não esperavam, se afas taram e evitou maiores transtornos aqui dentro.

Essa é uma das flechas que ficou espetada aqui. Isso aqui é paxiuba e havia aqui uma abertura, - como essa aqui, só que daqui pra baixo, então - eles chegaram, se aproximaram e lançaram as fle chas. Isso aqui tem mais ou menos duas polegadas de espessura. A ponta dessa flecha está atraves sada do outro lado. Por aí a gente pode calcular a força com que foi disparada.

Essa ponta de taboca, mais ou menos um tanto as sim varou essa madeira, que é essa paxiuba aqui e atravessou. As outras passaram e foram atin gir o pessoal lá dentro.

Essa flecha aqui ela está inteira. No momento em que acenderam as luzes os índios se assustaram e largaram a flecha.

-.--.-

De certa forma quando elaboramos o plano para reativarmos a Frente de Atração Arara, por necessidade, ficou bem clara essa possibilidade, de que os índios viessem a nos hostilizar.

O que no entretanto nos causa surpresa é porque esperaram mais de dois meses e meio, quase três meses, e nós sabemos que tão logo à nossa chegada aqui os índios já sabiam de nossa presença - porque nada lhes passa despercebido dentro da área deles. Então, imediatamente eles estão tomando conhecimento dos fatos e das coisas que acontecem na sua área.

Não nos causa portanto surpresa o ataque desses índios mas nós ficamos pensando e analisando porque esse ataque só veio a ocorrer dois meses e meio, quase três meses, após a construção do Posto.

Próximo a este Posto nós temos uma movimentação que consideramos excessiva de gente, essa coisa nova que vai chegando e tumultuando a área que é a própria ocupação, e principalmente a extração de madeira que está sendo feita em área próxima à nossa divisa, à área interdita.

Essa extração está sendo feita com máquinas, máquinas pesadas e para quem bem conhece sabe como uma máquina, um trator grande trabalhando repercute longe dentro da mata, o som, o som dele vai muito longe e acreditamos que esse tenha sido um dos fatores que, o fator que gerou e motivou esse ataque tão repentino contra nós.

A extração de madeira está sendo feita fora da área interdita, mas imediatamente a ela. A alguns quilômetros daqui, nesta vicinal, bem próximo, tem madeira sendo extraída a 400 ou 500 metros já da divisa, e a divisa pode ter seu efeito legal para nós mas não para os grupos indígenas.

nas que não sabem o que é isso, que não entendem porque uma terra que desde tempos imemoriais - lhes pertence passa a não lhes pertencer pelo - simples fato do homem branco passar e abrir uma picada e dizer: - daqui pra cá é deles, daqui - pra cá é nosso... então é muito difícil para - eles entenderem isso.

Por força de circunstância, por força do próprio trabalho, os Postos de Vigilância, Postos de - Atração eles são erguidos exatamente na vanguarda, lá na frente, e por isso mesmo eles são mais vulneráveis, eles são o elemento mais próximo do índio, para que o índio descarregue sobre nós a raiva toda que ele tem do branco que lhes rouba a terra e destroi as roças, enfim, que extermina com a tribo.

Então, nós temos no caso do ataque a este Posto, a meu ver, como elemento principal que desencadeou isso a própria atuação dessas máquinas ao longo da área interditada.

O índio não nos separa do resto dos brancos. Para ele nós somos mais uma equipe de homens brancos a entrar na sua terra. Ele não sabe que estamos aqui para protegê-los, então ele não nos distingue, ele não nos separa, seria pedir demais - eles que entendessem isso.

Será ao longo do tempo e pelo nosso tipo de comportamento que nós iremos demonstrar que não somos iguais aos elementos regionais que estão - aqui para construir fazendas, fazer derrubadas, estradas, isso só o tempo pode sedimentar esta confiança que eles necessitam ter em nós.

Início aos 32'18"

Vinheta: (voltamos a apresentar)

Ancorado nas águas do Rio Xingú em frente à base de Atracção Arara em Altamira o Kaiapó é carregado para uma expedição ao longo do Rio Iriri numa tentativa de se definir os limites da ampliação da interdição da área dos Arara em função do iminente alagamento de seu território pelas águas que serão represadas a partir da construção do complexo hidroelétrico do Xingú.

O Kaiapó navega até a confluência do Rio Iriri, seu afluente, onde a carga de tambores de gasolina, sacos de mantimentos, latarias, brindes para os índios são transferidos para duas em barcações menores que com dificuldade vão atravessar, contra a correnteza, os pedrais, cachoeiras e corredeiras turbulentas neste período de águas baixas.

Deixam-se para tras as últimas casas de moradores ribeirinhos e o Posto indígena Kararaô. As embarcações prosseguem no espelho das águas escuras do Rio Iriri até a boca do Igarapé Sem Tripa num local denominado Pedra do Ó.

Dali, em 20 dias, localizando antigas roças, picadas e acampamentos de um outro grupo desconhecido de índios que fazem fronteira com o território dos Arara, percorrendo 130 quilômetros a pé, na direção norte, alcançam a Rodovia Transamazônica.

Uma operação de limpeza apoiada pelo 51º Batalhão de Infantaria da Selva torna-se necessária após a constatação de invasão da área de reserva. Apoiados por soldados armados Sydney adverte os invasores e expõe suas razões aos colonos das agrovilas.

Naquela terra habitam povos, seus legítimos donos e como tal ela deve ser respeitada como propriedade particular: arrancam-se marcos e queima-se uma casa.

Vinheta: (estamos apresentando)

Saída aos 44'26"

Audio 1:

Audio 2:

4º BLOCO

Sydney : Aqui nesta região de Altamira está prevista a construção de usinas hidroelétricas, aliás vai ser o maior conjunto hidroelétrico brasileiro, está estimado em 14 milhões de kilowatts, 20% - maior que Itaipū.

Os estudos de alternativas já foram efetuados e agora eles partem então para os projetos de dimensionamento.

As águas do Xingū e do Rio Irirĩ, depois de formado o lago devem subir e vão inundar parte do território dos Arara, pelo menos 30% do território deve desaparecer debaixo das águas.

O que que vai gerar isso? Uma compressão maior jogando os Arara mais para cima, mais em direção à Transamazônica.

Então, nossa solução é estudar a ampliação da área para oeste, quer dizer, ao lado esquerdo da área interditada.

Então, exatamente para isso que nós estamos... nossa finalidade agora ao subirmos e efetuarmos essa expedição ao Rio Irirĩ é o estudo da região, inclusive também de um outro grupo que não é indio Arara, mas de um outro grupo indígena que habita na área vizinha à dos Arara.

Ao longo do Rio Irirĩ, a gente subindo, encontra diversos pedrais, diversas áreas assim de terra firme, e nessa terra firme a quantidade que você encontra de machados de pedra por exemplo, de cacos de cerâmica é muito grande.

Então, essa área todinha aqui foi habitada por povos há séculos atrás, não se sabe a quanto tempo, não era meia dúzia de índios, eram milhares deles que habitavam aqui.

Com o ciclo da borracha eles foram desaparecendo, desaparecendo, muitas comunidades indígenas foram absorvidas, outras se tornaram ribeirinhas, e a tendência foi se mesclarem, enfim um lugar que foi antigamente muito habitado por outras comunidades. Que índios seriam a gente também não sabe. Não se tem mais idéia.

Agora tudo isso, a finalidade de tudo isso era definir pelo menos uma área onde perambulava esse grupo; então hoje nós já temos a certeza primeiro que existe um outro grupo indígena aqui, e que esse grupo indígena está localizado nesta região, e isso é importante pra gente, para o trabalho da gente.

A idéia de tudo isso é por causa, entre outros fatores, entre... a questão de inundação da área dos Arara, mas é também dar uma visão, um tratamento geral a essa região, porque eles são vizinhos, são muito próximos dos Arara, e eu não gostaria de ter uma visão específica para cada caso retalhando o território indígena, mas sim uma visão global, ... tentar equacionar o problema - terra evitando aquelas entradas, aquelas áreas passíveis de serem penetradas por frentes de expansão.

Eu ajudei na pacificação dos Kreñ-a-Cãrore com o Orlando e o Claudio que fizeram a pacificação, eu auxiliiei eles, e os Kreñ-a-Cãrore depois de um ano de contato foram reduzidos praticamente à metade da tribo. Morreu muita gente, isto em fun

ção da estrada, por causa da estrada que estava... e estes índios tiveram que ser transferidos para o Parque Nacional do Xingú.

Não é que se aprovasse a transferência, a retirada dos índios do seu local primitivo, mas era uma operação de salvamento; ou tira o resto que sobrou ou morre todo mundo.

E depois que eles saíram, depois que eles abandonaram... eu fui buscá-los. Eu estive nessa operação de resgate deles para o Parque Nacional do Xingú, depois quando voltei ao local, perto da pista que o Orlando tinha aberto na área, encontrei - muito próximo dali aquilo que no início era um acampamento, e era já naquela ocasião, já quase uma cidade.

Hoje eu vejo essa região do Xingú. Vejo os problemas dos Arara que eu cuido pessoalmente, e vejo - que há tempo de se equacionar esse tipo de problema, da gente tomar medidas de forma que isso não venha a se repetir. Uma coisa é a nossa intenção em dentro do contexto, dentro do mundo que está aí, das coisas novas que vão chegando pra região, a gente tentar equacionar o problema. Outro são as coisas de fato, aquilo que de fato acontece, as possibilidades...

Muitas vezes a gente é castrado até numa idéia, quanto mais na realização de um problema tão delicado que é terra, apesar de termos tanta terra no país, mas aqui não deixa de ser um problema - muito delicado você falar em terra, principalmente quando essa terra é para índio, é para ser habitada por índios, é para a sobrevivência de um grupo.

Vamos ver se é possível fazer alguma coisa para que não aconteça com os índios Arara aquilo que aconteceu com os Kren̄-a-Cārone.

Afonso : (pergunta pro Manuel se é lá o caminho... espera aí Caraivã).

Sydney : Saindo de Altamira para se atingir o Cachoeira - Seca nós gastamos mais ou menos 9 dias; então - um trecho pelo Xingū, depois deixamos o Xingū, entramos pela foz do Irirĩ, e ali tem um lugar chamado Pedra do Ô. Dalí nós atingimos a foz do Cachoeira Seca. No Cachoeira Seca nós deixamos os barcos e ali penetramos na mata. Então partimos ali com o pessoal rompendo a mata, e dali até a Transamazônica foram 120 quilômetros que nós percorremos em 11 dias. Nesses 120 quilômetros nós marcamos em mapa a localização da aldeia, os caminhos, as roças, os acampamentos de caça,...

Afonso : (vai por aí o caminho, vai ?... aí é o caminho?)

Sydney : Bom, eu acho que o processo de Atração ele terá êxito na medida em que nós gerarmos condições para que o Índio dentro da sua área esteja mais ou menos tranquilo para nos aceitar ali próximos.

Então quer dizer, você garantir as fronteiras, garantir o território indígena é importantíssimo. Então é exatamente aí que entra o 51 BIS (Batalhão de Infantaria da Selva).

E a questão de garantia do território indígena é um processo que tem que ser muito rápido, então as ações têm que ser imediatas na proteção da terra do Índio.

No mesmo momento que você soube da invasão você tem que agir, ir lá e retirar o pessoal, porque se eu vou pessoalmente com o meu pessoal pode gerar um conflito, pode haver resistência, ao passo que quando eu estou junto com o pessoal do exército basta isso para eles respeitarem e atenderem logo a solicitação de sair.

Sydney : ...então eu lhe peço por favor...

Colono : Eu fico aqui lhe aguardando e qualquer um que -
 quizer entrar já comunico que vocês estiveram -
 aqui, inclusive o exército, e de forma que não
 é para entrar de maneira alguma, e inclusive o
 pessoal que estavam já saíram, outros não vão -
 querer entrar mais porque...

Sydney : Nós estamos tentando fazer esse serviço de orien-
 tação no pessoal entende, para evitar uma ação
 repressiva, quer dizer, evitar que o camarada -
 chega lá, bota a casa, e a gente chega lá com
 força, arranca tudo... daí é uma miséria, é dra-
 mático.

Início aos 44'42"

Vinheta: (voltamos a apresentar)

Um quadro visual do processo de ocupação e de superposição dos empreendimentos na área narra o avanço irreversível do nosso processo civilizatório diante ao sentimento de agonia e desespero que este povo deve sentir.

A Transamazônica, os tratores entrando na mata, os caminhões percorrendo a estrada em alta velocidade, a usina de açúcar, as plantações de cana, cacau, pimenta, a extração de madeira, as queimadas, as declarações do Comandante do 51º Batalhão de Infantaria da Selva e a aparente impossibilidade de equacionar coerentemente o processo de desenvolvimento e da distribuição de terras compõem subjetiva e visualmente o sentimento dramático deste povo que percebe o fim do seu mundo, resistindo com primários meios de defesa.

Em mãos um recorte de jornal revela a liberação de lavra em área indígena ao mesmo tempo que outro indica que os Arara procuraram um contato, sinal do primeiro sentimento de confiança deste povo para com os esforços de proteção de seu território.

Uma carta do sertanista Sydney Possuelo fala deste primeiro encontro com um menino de 14 anos. Agora ele aguarda que as mulheres com as crianças e os adultos se aproximem do Posto.

Informa que este primeiro contato ocorreu no dia 10 de fevereiro de 1981 e conclue dizendo: "A partir de agora os Arara dependem muito mais de nosso comportamento do que dos desejos deles, porque estão muito mais entregues a nós, muito mais dependentes a nós".

Encerramento do 2º Programa.

Saída aos 54'30"

F I M

Audio 1:

Audio 2:

5º BLOCO

Odair : Os senhores pazeleiros que têm problemas nesta -
(INCRA) área de interdição, nós vamos eleger uma área e
fazer o devido reassentamento.

Cel. Isaias: Cada cidadão é responsável pela segurança nacional, todos, todos nós aqui presentes, todos nós... então apesar de o índio não ter lei específica - para ele, não existe, eu acredito que a partir - do momento da conscientização deles, como é o caso desses presentes, eles já poderão servir inclusive o exército. Então ele fica marginalizado nessa oportunidade, mas a partir do momento em que ele for se aculturando ele já integra a sociedade e conseqüentemente ele passa a ser um responsável pela segurança nacional, e a partir - do momento que o branco cerrar contato com o índio ele vai ter que ajudar o índio, estender a mão do índio, suprir o índio daquilo... do indispensável para a sobrevivência dele, no campo médico, campo odontológico, na tecnologia de... de subsi... agricultura de subsistência etc., então o índio vai ter contato como estão tendo estes da qui.

Eu, eles não poderão viver zero quilômetros vamos assim dizer, eles não poderão viver totalmente isolados. Poderá ser mantido como é mantido o grupo mas com maior apoio. Eu acho que isoladamente só como é o Arara atualmente.

Adriana : Em conflito ?

Cel. Isaias: Em conflito, porque o Brasil cresce, se desenvolve, nós penetramos, somos um país rico em minério, sabemos onde tem minério, está localizado o

minério, temos que ir à procura do minério.

Se nos defrontarmos com o índio nós teremos o que ? - de ajudar o índio, procurar uma solução conciliadora.

Não pode de forma alguma é o índio entravar o desenvolvimento do Brasil.

-.--.-.-

Sydney : ...é uma questão de legislação...

Colono : Depois a gente acerta...

Odair

(INCRA) : ... não teria objeção de minha parte...

(geral) (vozes)

Sydney : Eu entendo mas na...

-.--.-.-.

Sydney : Nós deveríamos muito antes de fazer a Transamazônica, muito antes de fazer o projeto do INCRA, muito antes de já tomarmos ciência de que ali existe um povo.

Se nós olhassemos o índio como povo, nós não teríamos esse tipo de atitude evidentemente, então, porque o índio é uma coisa menor, nós entramos, fazemos e depois... tentamos fazer... o que é possível dentro das condições atuais.

Então não tem dúvida nenhuma, agora, a colocação ela é importante e ela procede realmente, nós nos antecipamos a todo esse programa de desenvolvimento.

./

Não se quer frear o desenvolvimento, não se quer que a Amazônia continue aquela coisa maravilhosa e decantada, se quer ocupar a Amazônia, mas tudo, para tudo há soluções.

Nós podemos ocupar a nossa Amazônia, nós podemos fazer as nossas ligações de estradas, nós podemos ter as reservas florestais, nós podemos ter o homem do campo que não tem terra com terra, nós podemos equacionar todos os problemas na medida em que realmente nós nos propusermos a isso; na medida em que realmente nós tomarmos esse tipo de atitude de nos antecedermos ao problema, entende, porque nós privamos o próprio índio das conquistas da própria civilização, e o progresso humano, ele não é particular do homem branco, mas ele é uma conquista da humanidade.

Todos fazem parte do progresso. O índio faz parte do progresso.

Andrea : Andrea... após o primeiro contato mantido no PVI, estamos sendo visitados quase que cotidianamente pelos Arara, principalmente por um garoto de seus 13 a 14 anos chamado Aktô, e a cada visita se faz acompanhar de mais outros rapazes mais velhos. Daqui para a frente a tendência é cada vez mais estreitar o relacionamento com os Arara e, a qualquer momento aparecerem as mulheres e as crianças.

Sydney : A partir de agora, desse primeiro contato, a sorte dos Arara depende muito mais do nosso comportamento do que dos caminhos que eles quiserem tomar, porque eles estão muito mais entregues a nós, muito mais dependentes a nós.

67